

“TODO PODER À IMAGINAÇÃO” – CONCEPÇÃO E CONCRETIZAÇÃO DE ALTERIDADE

Dionei Mathias (dioneimathias@gmail.com)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a representação de alteridade no romance *O álbum negro*, escrito pelo autor anglo-paquistanês Hanif Kureishi e publicado em 1989. Pretende-se refletir sobre a concretização desse conceito em quatro aspectos fundamentais para a narração de identidade: os movimentos da autopercepção, a dinâmica da heteropercepção, os mecanismos do silenciamento e a reflexão como caminho para a autonomia. Nesse contexto, a alteridade não é compreendida como deviação, mas sim como fenômeno intrínseco à experiência de qualquer ser humano que, por vezes, é utilizado para legitimar a exclusão ou marginalização e, com isso, a obtenção do monopólio do prazer.

Abstract: This article aims to analyse the representation of otherness in the novel *The Black Album*, written by the Anglo-Pakistani author Hanif Kureishi and published in 1989. It intends to reflect on the concretization of this concept in four fundamental aspects for the narration of identity: the movements of self-perception, the dynamics of hetero-perception, muzzling mechanisms and reflection as a means of achieving autonomy. In this context, otherness is not understood as deviation, but as a phenomenon which is intrinsic to the experience of every human being and employed sometimes to legitimize exclusion or marginalisation and, thus, ensure the monopoly of pleasure.

Palavras-chave: Hanif Kureishi. *O álbum negro*. Alteridade.

Keywords: Hanif Kureishi. *The Black Album*. Otherness

Introdução

“Ser diferente é ser normal” é o lema de importante campanha sobre a conscientização da alteridade. Com efeito, a diferença é a norma. O bebê, ao divisar o pai em seu mundo até então absoluto, se desvencilha da imagem especular da mãe e cria as primeiras tessituras do si, este compreendido como narrativa que organiza a percepção e encenação do sujeito para si e seu entorno. O si é posto de lado (*differre*, em sua acepção etimológica)¹, abandonando forçadamente o centro confortável e não questionado do olhar materno, para enxergar o mundo a partir das margens a que foi degredado pela presença de alguém mais forte, com mais poder de definição e menos disposto a afagar. O eu, que ainda não existia, no princípio era um outro.

A visão de mundo na posição marginal do outro, ou seja, na condição de alteridade, apresenta outra configuração de realidade e demanda outras estratégias existenciais, diferentes daquelas do mundo em que impera o princípio da indivisão, isto é, o princípio da identidade ($A=A$) com a mãe (*idem*, em sua origem etimológica)². O mundo da identidade – caracterizado por uma mesmidade imaculada, ainda sem arranhões, sem dores, sem presenças questionadoras – está arraigado numa inconsciência inebriante, em que a reflexão ou os sentidos são totalmente prescindíveis, porquanto o poder e, sobretudo, o prazer figuram em caráter absoluto. Imerso na certeza do sim e na ausência gozosa da dúvida, o ser não tem necessidade de refletir, ele simplesmente é, em sua forma mais absoluta.

A intuição da alteridade ($A\neq A$) implica a percepção de um mundo em ruínas, que começa com a cisão do cordão umbilical. A alteridade adentra as vísceras do ser numa onda de dor que induz o sujeito a seu primeiro grito. Esse grito materializa o desejo de retorno para o centro, um reflexo visceral de negação da alteridade. Quando o pai figura na imagem do espelho, a alteridade imerge na consciência, destruindo por completo a redoma de vidro que protegia o ser do confronto com a dor. A partir daí, vigora o princípio doloroso da realidade, em que cada sujeito tem de lutar por seu lugar ao sol, ou melhor, por seu quinhão de prazer.

A alteridade, portanto, é a norma e se revela como uma experiência profundamente humana que perpassa toda e qualquer percepção do ser. Com a presença do pai, o sujeito começa a divisar um eu em oposição, que se define por sua própria posição marginal e pelo outro que o defronta.

Surge nisso o signo inicial, o primeiro nó da tessitura por meio da qual se dará sua representação, fruto do encontro de duas alteridades que negociam prazeres. Nesse embate, quatro momentos se concretizam como pontos cardiais, configurando as coordenadas em que o sujeito estabelece sua representação: a autopercepção, a heteropercepção, as tentativas de silenciamento e a eventual obtenção da própria voz. A partir dessas coordenadas, o sujeito tece sua narrativa identitária, representa emoções, significa e define o espaço em que interage, obtém sentido e prazer para a existência que defende.

Às margens, portanto, não mais no centro da visão materna, o sujeito começa a tecer sua narrativa pessoal. A tessitura surge no processo de diálogo com o outro, negociando valores e sentidos. Para Mead (1992, p. 174), o si surge a partir do eu e do mim. Enquanto o 'eu' reflete a atitude do sujeito frente aos outros, o 'mim' é constituído com base nas reações dos outros frente ao sujeito³. A identidade compreendida desse modo implica o entrelaçamento do outro no cerne do sujeito, formando uma malha que contém elementos gerados a partir da ação do sujeito e da reação do interlocutor. O encontro com o outro significa, portanto, sempre uma negociação de sentidos que vão formar os nós da tessitura identitária.

Esses sentidos, vale lembrar, jamais são estáticos, transformando-se em algo sólido e duradouro. Pelo contrário, a cada nova interação o mesmo sujeito tem de negociar e validar seus signos, num processo de atualização, frente ao outro que o questiona, e frente a si mesmo que tem de aceitar a disposição de signos tal qual surge diante de sua consciência (KEUPP, 2002; ABELS, 2006). Pela constante necessidade de negociação e pela própria instabilidade dos signos que compõem a tessitura identitária, a alteridade representa um elemento intrínseco à narração de identidade. O eu, de fato, sempre é um outro. Ser o mesmo, portanto, constitui a grande exceção.

O conflito, por conseguinte, não reside na alteridade, mas na imposição da norma como modelo de realização existencial. A norma dita os signos que devem compor a narrativa de identidade, como esta deve ser encenada e quem tem direito a que espécie de signos. Com o estabelecimento de normas e a distribuição de papéis, todo signo que não se curvar ao jugo da ditadura normativa chama a atenção, revelando sua natureza inusitada. Ao distanciar-se do caminho normativo, esse signo já não se encontra no útero da norma, mas se posiciona na margem, assumindo a diferença.

Tanto o estabelecimento da norma como a interpretação da diferença como signo distintivo – logo positivo – ou estigmatizante – por conseguinte, objeto de exclusão – estão atrelados à distribuição de poder no espaço social (FOUCAULT, 2005). Isto é, a dinâmica do poder prevalece no cerne da identidade, porquanto estabelece as diretrizes que vão nortear o crivo de interpretação utilizado para a leitura das interações no espaço da existência. O poder assegura emoções positivas e, com isso, sentidos que afirmam a experiência existencial. De certa forma, as possibilidades de ação intrínsecas à detenção de poder permitem ao sujeito reviver o centro, metaforicamente o centro materno, sem a presença inexoravelmente questionadora do outro.

Portanto, a narração do si a partir do binômio “identidade e alteridade” implica uma dinâmica de posicionamento espacial e imposição de voz. Nos processos de percepção, o sujeito avalia sua própria posição, ao mesmo tempo em que é avaliado e posicionado por outros numa determinada coordenada. Esta pode estar localizada mais ao centro ou mais à margem. A partir desse embate espacial, surge a importância da obtenção ou imposição de voz. Definir ou questionar o outro encerra sempre a tentativa de fincá-lo num espaço mais próximo ou mais distante da fonte mor de prazer. Disso resulta que a encenação de alteridade representa também uma estratégia de silenciamento ou de apropriação de voz. Com base nessas reflexões teóricas, passamos a analisar a figuração de alteridade do protagonista Shahid, no romance *O álbum negro*, do autor britânico Hanif Kureishi.

Movimentos de autopercepção

A alteridade adentra a consciência no momento da definição do signo. No caminho em busca do prazer, existe um instante em que o nó do sentido é atado, definindo no processo de negociação se o indivíduo tem ou não direito ao prazer, um conceito amplo, entendido aqui como pertença, pertença esta que ensaia reconstruções da unidade materna primordial. Entre negação e aceitação, na tentativa de voltar inconscientemente ao lugar do prazer absoluto, surge a visão do outro. Simbolicamente o jovem Shahid Hasan refaz duplamente o caminho ao centro: sendo filho de pais estrangeiros, ao procurar seu lugar na cultura inglesa e, vivendo no interior,

ao deixar as margens do país para procurar sua posição na metrópole londrina: “Antes de Shahid se mudar para a cidade, passeava pelos campos de Kent, sonhando com a vida dura e desregrada de Londres” (KUREISHI, 1989, p. 11)⁴. Na conquista do prazer, ele tem de definir signos.

Essa de-finição – etimologicamente o estabelecimento de limites – começa pelos próprios ensaios do indivíduo sobre sua posição em relação à fonte de prazer, no marco da aceitação e da negação. Esses primeiros ensaios têm lugar no seio da família, no caso de Shahid, especialmente as figuras masculinas, o pai e o irmão. Estes avaliam a narrativa identitária do caçula, induzindo-o a um exercício de percepção que o força a encontrar seu espaço em relação aos outros. Especialmente a figura paterna se concretiza como um princípio de questionamento:

Presumira que a noite de Lorca significara para a mãe um esclarecimento duradouro. Mas, na primeira oportunidade em que se viu no carro de papai, este perguntou por que ele escrevia “coisas tão terríveis”. Papai, sempre consciente de suas próprias limitações, não gostava de passar sermões nos filhos, mas sentiu claramente a necessidade de fazer isso, naquele momento. “Você não é o tipo que precisa agir assim. Por que não se limita a estudar? Meus sobrinhos são advogados, banqueiros e médicos. Ahmed entrou para o comércio de chapéus, e construiu uma sauna na casa dele! Os artistas são sempre pobres – como você vai olhar nossos parentes de frente?” (p. 82)

É interessante observar que o episódio de questionamento está justaposto a uma representação da peça de Lorca, em que um dos temas centrais é justamente o clima sufocante da família. As palavras do pai têm uma repercussão duradoura, porquanto o filho divisa na figura paterna o modelo de identidade a ser seguido. Esse norte orientador, contudo, questiona os signos postos em circulação, solapando com isso a legitimação da demanda de prazer inscrita na narração do filho. Com a negação da narrativa identitária e o desejo de prazer imbricado nessa encenação, a alteridade se materializa, intensificando sua concretude no ato da comparação com outros modelos que já obtiveram o sucesso ambicionado. Na conversa com o pai, o filho Shahid percebe que os signos de que dispõe não correspondem às expectativas do modelo; logo, sua tentativa de retorno à fonte de prazer se encontra barrada, forçando-o a tomar conhecimento de

sua alteridade. A pertença ao círculo existencial do modelo lhe é negada, deixando-o à margem.

A consciência dessa posição periférica volta a concretizar-se em seus ensaios sociais, no contexto universitário. É nesse entorno que ele encontra pessoas com histórias familiares e culturais semelhantes, em quem enxerga possíveis modelos de concretização de identidade. Antes desses encontros, contudo, ele se distancia dos amigos da primeira fase de socialização, ainda no interior:

Em casa, ainda via alguns colegas de escola, muito embora, nos últimos três anos, tivesse perdido o interesse pela maioria deles; desprezava alguns, pela falta de esperança que demonstravam. Quase todos estavam desempregados. E os pais, em geral patriotas entusiastas da Union Jack, nada conheciam de sua própria cultura. Poucos possuíam livros – quando os tinham, eram manuais de jardinagem, atlas, exemplares da *Reader's Digest*. (p. 33)

A função dessa descrição não reside somente em indicar o contexto social do protagonista, com o fito de detalhar as dificuldades e os êxitos que encontra em seu desenvolvimento social. Dentro da lógica intradieética, descreve-se também um processo de percepção em que a personagem Shahid reflete conscientemente sobre o espaço social de onde provém. Nesse exercício de reflexão, ele obtém clareza, em primeiro lugar, sobre os valores que orientam a existência de seus antigos amigos; simultaneamente, de-fine a si mesmo, ao perceber que os signos que compõem seu projeto existencial diferem substancialmente dos modelos oferecidos até então. Nessa percepção, portanto, encontra-se inscrito um movimento em direção a outra fonte de prazer, em que sua alteridade em relação ao conhecido se evidencia. Ele mesmo já não se sente pertencente a esse grupo; daí a necessidade de encontrar pessoas com projetos afins.

A chegada a Londres e o início dos estudos representam, conseqüentemente, um movimento de busca por pertença, a fim de atenuar a intensidade de uma alteridade isoladora: “Ele disse que se sentia muito só, e que em muitos momentos não sabia o que fazer, especialmente de noite. Felizmente, nos últimos dias, conhecera pessoas que o excitavam” (p. 36). Isso ele afirma numa conversa com sua professora Deedee Osgood sobre pessoas que encontra na casa de estudantes e que apresentam origem cultural

semelhante. Com efeito, eles – a professora e seus amigos – representam os dois polos entre os quais Shahid vai narrar sua identidade. A reflexão sobre as convicções que eles trazem à tona força o jovem protagonista a definir-se em relação a eles, percebendo sua diferença de ideias e ideais. No marco dessa reflexão ele não só se dá conta de sua alteridade; é justamente por meio dela que ele vai construindo seu próprio caminho, muito embora este nem sempre encerre a sensação de pertença.

O exercício de percepção não constitui tarefa fácil, pois os dois pacotes de identidade que se consolidam diante de Shahid apresentam interpretações de vida que o fascinam e atraem. Por um lado, ele encontra amigos inseridos numa comunidade religiosa islâmica e que estão dispostos a conceder-lhe o *status* de pertença, contanto que ele aceite a interpretação fechada do grupo, com base em signos estáticos. Por outro lado, ele se depara com a professora livre-pensadora, inserida num mundo pós-moderno em que predominam a abertura, a relatividade e a instabilidade completa de signos. Shahid reflete e percebe que os dois pacotes têm algo a oferecer-lhe, representando um centro a que poderia dirigir-se. Contudo, ele não pode unir os dois polos numa mesma narração de identidade, sem definir sua própria posição. Novamente, a alteridade como negação de pertença adentra sua consciência e sua imagem de si.

A dinâmica da heteropercepção

Todo indivíduo constrói uma autoimagem que necessariamente tem de passar pelo crivo da percepção alheia, para que obtenha o reconhecimento imprescindível para a ação social. Nisso, o sujeito narra para si e para o mundo diferentes personagens cuja validade tem de ser conquistada nos diferentes espaços sociais. Dentro da família, Shahid constrói a personagem do intelectual interessado em expandir seus horizontes para além de interesses meramente capitalistas. No círculo de amigos islâmicos, ele indica projetos identitários que contêm elementos subversivos e instáveis que destoam das certezas imbricadas na narração ideológica que caracteriza o grupo. Quando dialoga com a professora – representante de uma cultura britânica ocidentalizada – ele defende princípios de solidariedade e responsabilidade pelo outro que atualizam ideias oriundas do meio islâmico. Entre a mesquita e a boate, espaços metonímicos das diferentes posições

culturais em que circula (MATHIAS, 2011, p. 185), Shahid percebe a própria diferença, ao mesmo tempo em que se dá conta de que os outros membros desses espaços sociais também divisam nele signos que não condizem com as narrativas culturais que regem aquele determinado espaço. Com base na percepção da alteridade, surgem negociações que formam a narrativa de identidade com que Shahid se encena.

A negociação mais dolorosa, certamente, é aquela que se dá com pessoas que possuem uma relevância especial no horizonte do indivíduo. Com efeito, toda interação social sempre representa um ato de negociação de signos que acabam sendo refutados ou integrados na narração pessoal. Contudo, são as pessoas estrategicamente importantes que têm o maior impacto na produção de signos e, com isso, na materialização de alteridade. Por conseguinte, a percepção na família configura a primeira grande prova que norteará as expectativas que o sujeito alimenta quanto a possíveis interações posteriores:

As paixões de Chili sempre foram mulheres, roupas, mulheres, carros, e o dinheiro para comprar tudo isso. Quando os dois eram mais jovens, deixava claro que considerava o gosto de Shahid pela leitura coisa de efeminado. Sofria influência de papai, prático e agressivo, que dizia que o interesse de Shahid pelo estudo não só era improdutivo como também um fardo para a família, principalmente depois do incidente com o conto que Shahid havia escrito. (p. 48)

Os valores que caracterizam o comportamento do irmão até certo ponto refletem também aquilo que a família permite e defende. Logo, o modo como o caçula se insere no mundo, concretizando objetivos e hábitos que não se harmonizam com a narração familiar, tem de causar, necessariamente, estranhamento. A partir da percepção da alteridade, seria possível fomentar o desenvolvimento anímico desse membro da família, introduzindo a diferença na narração do grupo familiar, ou seja, afirmá-la. Porém, o que acontece com Shahid é justamente o contrário: sua alteridade se depara com um muro de resistência que procura negar a existência daquilo que destoa, por meio de um discurso sumamente agressivo. Isto é, a percepção que a família, em especial o pai e o irmão, insere no jogo da negociação difere substancialmente daquilo que Shahid tenta encenar. A percepção do outro materializa também a percepção que parte do sujeito.

No momento em que essa heteropercepção negadora se torna insuportável, Shahid deixa o lar para conquistar novas redes sociais, em que possa encenar seu projeto de identidade em consonância com seus anseios de descoberta. Os novos amigos na casa de estudantes rapidamente se apercebem da necessidade que Shahid apresenta de obter reconhecimento, verbalizando em seu lugar a procura que o move. Nesses primeiros encontros, acontece exatamente o contrário daquilo que Shahid testemunhara em casa. Os amigos afirmam sua procura e aceitam a dor de seu sofrimento, especialmente no contexto da discriminação racial: “Sou todo ouvidos aos lamentos de sua alma” (p. 18). A percepção inicial da alteridade se transforma num elo que liga Shahid ao novo grupo, o que o deixa experimentar a esperança de que a partir daí possa desenvolver sua identidade livremente. A aceitação da diferença implica prazer existencial, uma vez que não precisa idear alternativas que correspondam a seus desejos pessoais.

Contudo, essa aceitação tão ansiada pelo protagonista sofre uma fragmentação quando se dá conta de que não é incondicional. No ato da aceitação encontra-se imbricado um pacto de submissão às regras do grupo. A afirmação da alteridade, portanto, não acontece gratuitamente, pelo contrário, ela representa uma troca de favores, objetivando o equilíbrio da balança do prazer. Gradativamente, a agradável sensação de ter encontrado seu lugar nas coordenadas da sociedade dá lugar a um desconforto cada vez mais premente perante as expectativas do grupo que o acolheu, em especial de Chad, um de seus membros mais fanáticos, pouco disposto a transigir diante de comportamentos que se esquivam às leis tácitas do grupo: “Chad presumia que Shahid fosse propriedade deles; queriam possuí-lo totalmente. Nada lhes escaparia” (p. 136). A aceitação da alteridade está condicionada à obediência. À proporção que cresce a autoconfiança de Said para aventurar-se em outros espaços e questionar a intransigência da ideologia absoluta que move muitos membros do grupo, sua aceitação diminui, dando lugar à desconfiança e a outra visão de alteridade: “pois vejo fraqueza em sua pessoa” (p. 137). A fraqueza que passam a divisar nele, contudo, apresenta outras conotações, a saber, a de uma diferença que destoa dos interesses do grupo. Essa visão de alteridade se transforma em ferramenta de exclusão, o que representa nova ameaça à estabilidade do prazer que Shahid acreditava haver conquistado definitivamente.

Mecanismos de silenciamento

Silenciar o outro representa um mecanismo de proteção da própria identidade. Ao silenciar os signos que despontam com os interesses alheios, o sujeito assegura a validade das próprias redes narrativas, precavendo-se de modo a evitar confrontar-se com negociações identitárias indesejadas. O silêncio do outro – a materialização da não-questão – garante a posição do prazer conquistado. Com isso, toda forma de alteridade que não esteja disposta a submeter-se às narrações familiares, grupais, étnicas ou nacionais representa um ato de subversão, percebido como tentativa de questionar a posse de prazer do outro. Esse questionamento não ameaça somente a posição social de um determinado indivíduo, inclui questões de poder, de *status*, de bem-estar corporal e visões de futuro que norteiam a narração de identidade. Diante desse cenário, a hostilidade e a agressividade que se materializam perante a alteridade do outro representam um dispêndio de energia para proteger o capital social, cultural e econômico alcançados (BOURDIEU, 1983). Tanto a família como os novos amigos em Londres estão pouco dispostos a renunciar a quaisquer signos de sua identidade. Logo, não hesitam em aplicar diferentes mecanismos de silenciamento para refrear a imposição de alteridade intencionada por Shahid.

No seio da família, o pai e o irmão controlam os movimentos de Shahid por meio do desprezo. Ao indicarem o quanto menosprezam as atitudes e os objetivos do caçula, eles instalam em Shahid um mecanismo de disciplina que o força a curvar-se diante da visão de mundo defendida por eles. A tentativa de obliteração de suas necessidades também se dá no comportamento da mãe:

Acima de tudo, ela odiava conversas sobre raça ou racismo. Provavelmente, sofrera com os insultos e a discriminação. Mas seu pai era médico; em Karachi, todos – políticos, gerais, jornalistas, chefes de polícia – frequentavam sua casa. A ideia de que alguém a tratasse com desprezo era insuportável. Mesmo quando Shahid vomitava e cagava de medo, antes de ir para a escola, ou quando retornava com cortes e marcas, ou com a mala retalhada a facadas, ela agia como se tais insultos revoltantes jamais tivessem ocorrido. Por isso, afastou-se dele. O que sabia era demais para ela. (p. 80)

Ao contrário dos membros masculinos que, por meio de palavras, tentam coagir a produção de signos na narração de identidade de Shahid, a mãe se cala, ignorando obstinadamente a existência de qualquer vestígio de sentido que não condiga rigorosamente com sua interpretação da realidade. A alteridade do jovem protagonista se faz presente de uma maneira extremamente dolorosa, uma vez que a violência não se restringe somente ao ataque verbal, mas inclui também a tentativa de marcar o corpo. A mãe, contudo, prefere permanecer no silêncio, tentando desse modo, apagar a alteridade do filho.

Também os novos amigos em Londres não tardam em apropriar-se de Shahid, a fim de transformá-lo em instrumento de seu interesse. Como indicado, a aceitação da diferença que o protagonista traz consigo para a capital está diretamente atrelada à submissão incondicional aos valores defendidos pelo grupo. Toda tentativa de esquivar-se desse dispositivo ideológico, ou qualquer ensaio de representação com signos alheios àqueles explicitamente autorizados pelo grupo constituem focos de conflito, em que a alteridade trazida a lume se transforma em objeto de perseguição. Curioso e sedento de vida, Shahid imerge na capital britânica à procura de novos espaços, novos saberes, novos modos de concretizar a vida. A descoberta do mundo pós-moderno, caracterizado pela abertura absoluta dos signos e pela descontinuidade e complexidade de discursos, que lhe proporciona a professora e amante Deedee Osgood, coloca-o diante do dilema de optar por um dos mundos em que procura aceitação – o grupo religioso arraigado em visões essencialistas e o conceito descontínuo e disperso da visão pós-moderna – ou diante da difícil tarefa de conciliá-los. Shahid, na verdade, consegue dar conta desses dois mundos, procurando assimilar os aspectos positivos de cada lado e adaptando-os à sua narração identitária, de modo a obter prazer existencial. Contudo, o grupo religioso, em especial Chad, impõe resistência a essa pluralidade discursiva, procurando silenciar o signo que destoia: “Chad ainda mantinha os olhos fixos nele. Shahid rezou para que Deedee tivesse limpado bem a sombra Molton Brown e o batom Auburn Moon de seu rosto” (p. 136). O olhar do outro o persegue, tentando controlar a disposição de signos. Como Shahid preza muito esses amigos, ele tenta, de fato, ocultar tais signos, para não pôr em risco a aceitação alcançada. Enquanto pai e irmão se utilizam do desprezo, a mãe do silêncio, o novo amigo aplica o discurso da seriedade e autoridade para silenciar uma possível alteridade do protagonista.

Reflexão: o caminho para a autonomia

A lógica do prazer é necessariamente egoísta. Existe, portanto, um movimento natural que impele o indivíduo a calar o outro, a fim de assegurar sua própria economia de prazer. Distanciar-se dessa lógica inscrita nas vísceras representa um grande desafio e o mesmo vale para a resistência às imposições por parte dos outros. Somente o silêncio do outro permite que o “eu” fale. Por conseguinte, o sujeito tem de aprender, no processo de socialização, a utilizar-se de estratégias que lhe possibilitem fazer-se ouvir, a modelar sua voz, a impor seus signos. Obviamente, os discursos da “normalidade”, da “superioridade” ou da “autoridade” vão caçar toda forma de articulação da alteridade, porquanto sua materialização pode representar um risco para a distribuição do prazer. Perante esse disciplinamento, o próprio sujeito tenta, por vezes, silenciar sua alteridade para adaptar-se às imposições externas. Isso inicialmente também acontece com Shahid:

Mesmo quando elas se aproximavam de mim, eu não agüentava. Pensava: olhe para uma moça asiática, e ela já vai querer se casar com você. Recusava-me a tocar em peles morenas, exceto com ferro de marcar gado. Odiava os estrangeiros. Filhos da mãe. [...]

Eu argumentava... por que não posso ser racista, como todo mundo? Por que devo abrir mão desse privilégio? Por que só eu preciso ser bonzinho? Por que não posso sair por aí maltratando pessoas que considero inferiores? Comecei a me transformar em um deles. Ia virar um monstro. (p. 19)

Para dar conta de sua diferença, ele adota a interpretação do outro numa tentativa desesperada de encontrar a aceitação que lhe é negada. Desse modo, o desprezo que o outro aplica para garantir o prazer atrelado à superioridade se entranha em sua visão de mundo, o que factualmente significa que ele tem de desprezar as pessoas do seu meio e inconscientemente a si mesmo. Com o anseio de ser igual àquele que detém o poder e o prazer, Shahid oblitera sua realidade pessoal e permite que o dispositivo do silenciamento se instale em seu aparato cognitivo.

A reconquista da própria voz e, com isso, da autonomia se dá com o processo de reflexão. Ao distanciar-se de seu embasamento existencial e comparar as diferentes visões de mundo, ele começa a perceber que a interpretação de realidade do outro não é digna de imitação. Por meio do

exercício reflexivo, a disposição e distribuição absolutas de signos começam a fragmentar-se, dando lugar à imaginação da alteridade. Somente quando se permite pensar sobre a própria diferença, Shahid logra desfazer-se do jugo imposto pelo outro e alcançar autonomia. Nisso, ele não tarda a descobrir o mundo pós-moderno que justamente acolhe uma diversidade de realidades.

Shahid começou a perceber que existiam inúmeras questões verdadeiras que não podiam ser abordadas, pois conduziam a pensamentos inconvenientes. Podiam até provocar rupturas. A verdade podia ter conseqüências sérias. Sem dúvida, era nas palavras não ditas que tudo acontecia. (p. 82)

Se a verdade já não é absoluta, monolítica, essencial, a encenação da alteridade no espaço social se torna mais facilmente imaginável. Somente a partir da concepção da possibilidade de concretização, o protagonista pode defender sua posição e impor signos destoantes, para assegurar a narração de identidade arraigada no princípio da autorrealização.

Para alcançar essa visão de mundo independente, Shahid teve de passar por um processo de “descolonização da mente”; o caminho trilhado para tal passa pela literatura, o discurso da imaginação. Assim, a noite de teatro com a representação da peça de Lorca se transforma numa epifania pessoal. A ficção o faz perceber que a autoridade alheia só pode existir à custa do silêncio do outro. O desprezo do pai e do irmão, ou o silêncio negador da mãe, continuam infligindo dor e o anseio de curvar-se para obter aceitação, mas, ao mesmo tempo, ele se apercebe da necessidade gritante de aceitar sua alteridade e lutar por ela, a despeito das tentativas de silenciamento.

É justamente a literatura que desencadeia em Shahid o processo de revisão da posição ideológica defendida pelo grupo de amigos. O grupo está convicto de que detém a verdade e procede a uma campanha em que pretende queimar simbolicamente o livro *Versos satânicos* de Salman Rushdie, um livro que despertara a admiração do protagonista por retratar verdades da existência humana, no marco da abertura e tolerância. Inicialmente, Shahid ainda hesita e procura um modo de acompanhar os amigos para não perder a aceitação obtida, ou seja, tenta elidir sua alteridade para assegurar pertença ao grupo. Contudo, diante do livro em chamas, isto é, da encenação do

silenciamento das letras, Shahid desperta E acolhe uma visão de mundo que questiona esse posicionamento:

Examinando a fisionomia de Chad, que estava no meio da multidão, sentiu-se melhor. Não queria em seu rosto uma expressão de rigidez estática como a dele. Nunca! A estupidez da manifestação o chocava. Como eram limitados, burros.... aquilo era constrangedor! Mas ele era melhor do que os outros por causa de sua falta de fervor? Era melhor, ficando em cima do muro? Não, era pior, faltava-lhe entusiasmo. Faltava-lhe simplicidade! (p. 233)

O que o afasta do grupo é, antes de mais nada, a intransigência perante a alteridade. Ao queimarem o livro, eles mostram simbolicamente que, em sua interpretação de realidade, existe somente uma verdade, um modo de ser, uma visão de mundo válida. Shahid percebe que a violência infligida ao livro pode muito bem ser aplicada, num outro momento, à expressão de alteridade. O distanciamento reflexivo o faz enxergar a cegueira perigosa que domina o grupo.

A queima do livro representa a segunda epifania, quando percebe que tem de dar voz a sua alteridade, a fim de não ser completamente obliterado diante das exigências e interpretações alheias. Embora tenha de renunciar ao prazer da aceitação concedida pelo grupo, Shahid alcança um bem maior que reside na expressão liberta do si. Também nisso está inscrito um processo de aceitação, a saber, a aceitação da própria alteridade. Com base nessa nova possibilidade de narração identitária, Shahid já não precisa retornar a um centro, a fim de granjear prazer existencial, porquanto o centro se encontra nele mesmo. O caminho imprescindível para aceder a essa nova visão de mundo reside na reflexão e na habilidade de sopesar diferentes verdades, em consonância com os próprios anseios.

Considerações finais

O caminho que Shahid percorre é o caminho de uma formação individual (JACOBS/KRAUSE, 1989) em direção à independência intelectual. Após obter clareza sobre os diferentes movimentos da autopercepção e das tentativas de heterodeterminação, o protagonista precisa

refletir igualmente sobre as estratégias de silenciamento imbricadas nos diferentes espaços sociais e suas lógicas de comportamento e ação. Somente após esses complicados exercícios de reflexão, consegue libertar-se da heteronomia existencial. A literatura mostra-lhe o caminho para expressar seus anseios e obter uma voz que lhe permite inserir seus signos no emaranhado discursivo das interações sociais. Com isso, a alteridade tão temida, reprimida e negada alcança lugar na narração de identidade do protagonista, não como algo que tem de ser obliterado para granjear aceitação, mas como um princípio de liberdade que transcende a marca impositiva do outro.

“Todo poder à imaginação” (KUREISHI, 1997, p. 223) é o conselho que a professora dá ao jovem protagonista e é a frase que este utiliza para argumentar em prol da liberdade. A imaginação ou o exercício de conceber realidades alternativas representa o primeiro passo para libertar-se de uma autopercepção vista a partir do crivo alheio, de uma heterodeterminação arraigada no princípio da obliteração, de um silenciamento que nega o signo individual. No ensaio da imaginação, o protagonista Shahid descobre a possibilidade não somente de aceitar sua alteridade, mas também o direito e o dever de concretizar sua existência no princípio da autonomia e da dignidade pessoal, independentemente dos gritos silenciadores do outro.

Notas

¹ A palavra ‘diferença’, em sua origem etimológica (de *differre*), remete à ideia de ser posto de lado. A imagem espacial se revela importante para a compreensão do processo de alteridade.

² Etimologicamente de *idem*, o mesmo. A imagem espacial a ser atualizada aqui é da permanência do lugar primordial. Justamente o contrário daquilo que acontece com o princípio da diferença, em que o sujeito se desloca desse lugar primordial para postar-se à margem.

³ “The ‘I’ is the response of the organism to the attitude of the others; the ‘me’ is the organised set of attitudes of the other which one himself assumes. The attitudes of the others constitute the organised ‘me’, and then reacts toward that as an ‘I’” (MEAD, 1992, p. 174).

REFERÊNCIAS

ABELS, H. *Identität. Über die Entstehung des Gedankens, dass der Mensch ein Individuum ist, den nicht leicht zu verwirklichenden Anspruch auf Individualität und die Tatsachen, dass Identität in Zeiten der Individualisierung von der Hand in den Mund lebt*. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2006.

BOURDIEU, P. *Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital*. In: KRECKEL, Reinhard (Org.). *Soziale Ungleichheiten*. Göttingen: Otto Schwarz, 1983, p. 183-198.

JACOBS, J.; KRAUSE, M. *Der Deutsche Bildungsroman. Gattungsgeschichte vom 18. bis zum 20. Jahrhundert*. München: C. H. Beck, 1989.

KUREISHI, H. *The Black Album*. London: Faber and Faber, 1995.

_____. *O álbum negro*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MATHIAS, Dionei. *Neue alte Welt und altes neues Ich. Diffusion migrationsbedingter Identitätsentwürfe in veränderten kulturgeografischen Zusammenhängen*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2011.

MEAD, G. H. *Mind, Self and Society*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1992.

KEUPP, H. *Identitätskonstruktionen. Das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

FOUCAULT, M. *Analytik der Macht*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.

Dionei Mathias

Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo (Alemanha). Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Artigo recebido em 14 de outubro de 2013.

Artigo aceito em 07 de novembro de 2013.